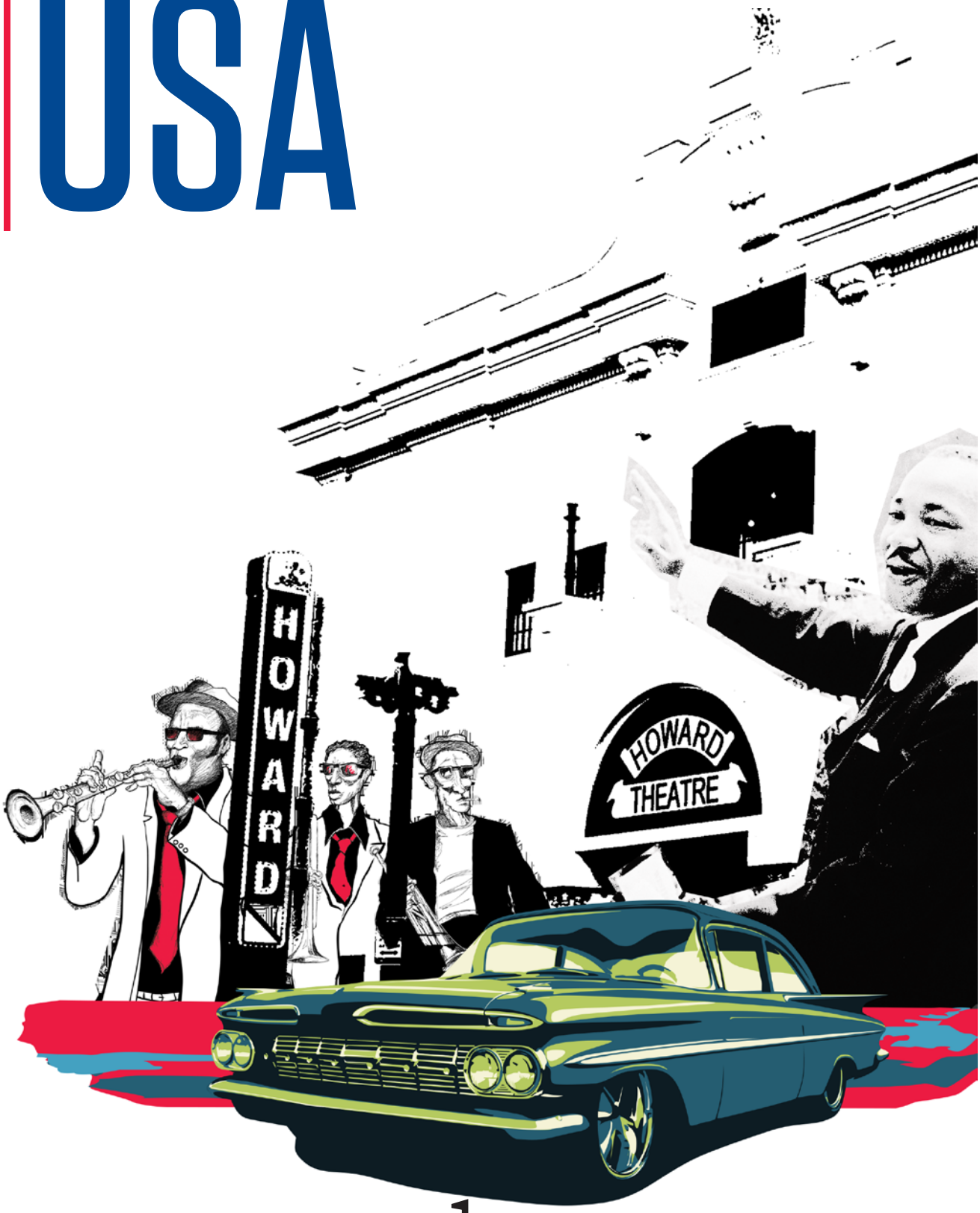
eJOURNAL USA | DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

EJ|USA



avanço da raça

uma nova geração celebra a história dos negros

NESTA EDIÇÃO: MENINAS NA ALTA TECNOLOGIA | COMPARTILHAR EM VEZ DE COMPRAR | HIP-HOP PARA TODOS | ROBÔS RURAIS

Editor EJ|USA
IIP/CD/WC
Departamento de Estado dos EUA
2200 C Street, NW
Washington, DC
20522-0501 USA
e-mail: ejusa-suggestions@state.gov

Inscrição ISBN 978-1-625-92050-8
ISBN individual 978-1-625-92172-7

Departamento de Estado dos EUA
Bureau de Programas de Informações Internacionais

Coordenador do IIP
Macon Phillips

Editor executivo
Nicholas S. Namba

Diretor de Conteúdo Escrito
Michael Jay Friedman

Equipe editorial

Editora-gerente
Elizabeth Kelleher

Editores
Kourtni Gonzalez, Sasha Ingber, Lauren Monsen, Mark Trainer, Andrzej Zwaniecki

Designers
Lisa Jusino, Julia Maruszewski, Lauren Russell

Redatores colaboradores
Lonnie G. Bunch III, Olabajo O. Dada, Michael Gallant, Natalie Hopkinson

Arte da capa
Lauren Russell/Adapted from: Urban lowrider, Brian Sullivan/iStock/Thinkstock; Jazz band in a street of New-York, Isabel Da Silva Azevedo Drouyer/iStock/Thinkstock; Martin Luther King, ©Getty Images

Arte da contracapa
Adaptado de: Telnov Oleksii/Shutterstock.com

Publisher
O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica a revista eletrônica *EJ|USA*. Cada edição fornece aos leitores internacionais reflexões sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada edição de *EJ|USA* é publicada nos formatos impresso e eletrônico em inglês e também pode estar disponível em um ou nos dois formatos em árabe, chinês, francês, persa, português, russo, espanhol e outros idiomas. Cada edição é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas na *EJ|USA* não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas edições da *EJ|USA*; a responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos da *EJ|USA* podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos. As fotografias e ilustrações podem ser reproduzidas se não tiverem restrições explícitas de direitos autorais. Se estiverem protegidas por direitos autorais, é necessário pedir permissão aos detentores dos direitos mencionados em cada edição.

EJ|USA

Toni Blackman cercada de rappers da Rhyme Like a Girl

©BRETT WINTER LEMON

EJ|USA

Fevereiro de 2014

avanço da raça

uma nova geração celebra a história dos negros

ESPECIAL

10 AVANÇO DA RAÇA
Bairro negro da capital americana | Inspirados a agir | Rimando como menina

Departamentos

3 INSTANTÂNEOS DOS ESTADOS UNIDOS
Boa comida no aeroporto, de verdade | Sem papel | O toque de silício | Amigos peludos e medos | Jogos mentais | Optando por alternativas

4 EDUCAÇÃO
Uma nova voz

6 CIÊNCIA
Estilo super-herói

8 MERCADO
Em busca de um compartilhamento justo

18 COMUNIDADES
Você codifica, menina!

20 PAZ E SEGURANÇA
Falando por meio de charges

LAZER
22 Incorporação rural do robô
24 Grande terça-feira gorda

27 ARTES
Salvando os tesouros do mundo

28 LONNIE G. BUNCH III: ÚLTIMA PALAVRA
Os ventos dos anos 1960

29 RECURSOS
Tudo sobre inglês
Ligando os pontos

©D.A. PETERSON

Lições aprendidas

Vejo a vida como uma sequência de experiências ligadas por lições. Algumas lições são duramente aprendidas e lembradas para sempre, outras facilmente aprendidas e esquecidas. Quando o fotógrafo David Peterson e eu visitamos uma aula de inglês como segunda língua na Biblioteca Charles E. Beatley Jr. em Alexandria, na Virgínia, para a matéria de educação da *EJ|USA*, de repente me vi observando outros a aprender.

Vinte e quatro adultos espremidos em uma pequena sala de aula. Eram provenientes de países como Cazaquistão, Bolívia, Tailândia e Mauritânia, entre outros. Alguns estavam nos Estados Unidos há apenas uma semana.

Primeiro, eles praticaram leitura e pronúncia repetindo frases de um livro. Depois ligaram definições a palavras do vocabulário, como "estereótipo", *julgamento quase sempre equivocado sobre grupos de pessoas ou coisas que compartilham determinada característica.* Os alunos também aprenderam como expressões enganosas da língua inglesa como *bringing home the bacon* (literalmente, trazer o bacon para casa) e *breadwinner* (literalmente, ganhador do pão) não estão relacionadas com alimentos, mas a como as pessoas ganham dinheiro para sustentar a família (no caso em questão, algo como ganhar o pão de cada dia e arrimo de família ou ganha-pão).

Aprender inglês melhora as chances desses alunos de encontrar emprego e se adaptar à cultura americana, mas sua importância vai muito além disso. O conhecimento do idioma dá a eles voz em um ambiente desconhecido.

É claro que minhas tentativas de perguntar se estariam dispostos a serem fotografados fez surgir meu mímico interno. Provavelmente eles se lembrarão por um bom tempo dos meus gestos erráticos. Mas o instante da compreensão que brilhou em seus rostos, com o sorriso quebrando a linha reta de seus lábios depois de entenderem o que eu estava tentando comunicar, é o que vou mais me lembrar.

Aproveitem as matérias desta edição. De meninas que codificam programas a líderes dos direitos civis de ontem e de hoje, são histórias de pessoas que crescem com os desafios que têm de enfrentar. – *Sasha Ingber*

melhore seu **inglês**

e fique por dentro da **cultura americana!**

americanenglish.state.gov

Instantâneos dos Estados Unidos

©AP IMAGES

Boa comida no aeroporto, de verdade

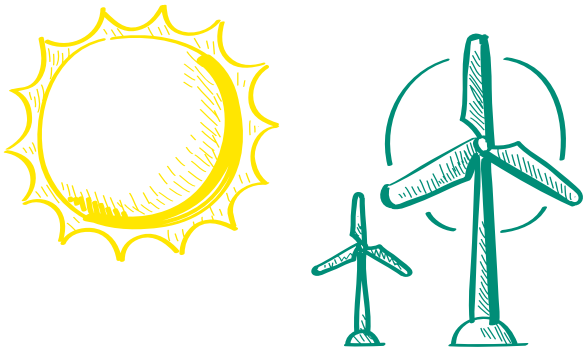
A reputação da comida de aeroporto está decolando. Em uma comparação entre as ofertas de comida e bebida em aeroportos internacionais, realizada pelo site Moodie Report, o saguão F do Aeroporto de Atlanta está cotado como a melhor praça de alimentação. O Aeroporto JFK de Nova York oferece o restaurante fast-food mais saboroso, Shake Shack, e o Cru Wine Bar do Aeroporto Internacional de Denver possui o melhor bar de vinhos que um viajante poderia desejar.

Sem papel

A demanda por papel para revistas e publicidade na América do Norte caiu 21% na última década, de acordo com o Conselho de Produtos de Papel e Celulose. Cerca de 120 fábricas de papel foram fechadas desde o ano 2000 devido à diminuição da demanda. À medida que mais pessoas usam tablets, leitores eletrônicos e recursos de informação on-line, inclusive sites de jornais, essa tendência só deve aumentar. Em 2025, a quantidade de papel utilizada para publicações pode chegar a cair 50%, de acordo com estimativas do grupo de pesquisa Risi.

Jogos mentais

Os passatempos com lápis e papel têm mantido sua popularidade, ainda que os americanos gastem bilhões todos os anos com jogos de computador. Dez milhões de pessoas jogam Sudoku, um quebra-cabeça numérico, duas vezes por semana. Outros 13 milhões jogam palavras cruzadas para testar seu conhecimento lexical com a mesma frequência. Esses aficionados geralmente completam os jogos publicados nos jornais diários. Um estudo recente demonstra que esses quebra-cabeças podem aumentar a capacidade cerebral.



ADAPTADO DO BIORAVEN/SHUTTERSTOCK.COM

Optando por alternativas

A maioria dos americanos apoia fontes alternativas de energia. De acordo com o Gallup, três em cada quatro americanos desejam que a nação desenvolva mais energia solar, e a parcela seguinte mais representativa (71%) defende a expansão da energia eólica. Apenas 46% acham que o país deveria dar mais ênfase à produção de petróleo, e uma parcela ainda menor (37%) acredita que uma expansão nuclear seja prioridade máxima.

O toque de silício

Ao menos 25 lugares do mundo denominam seu conglomerado empresarial ou indústria de alta tecnologia com a palavra *silicon* (silício, em português).

O nome Silicon Alley, que por certo tempo denominou um bairro de Manhattan, é agora utilizado pela mídia de negócios para identificar o setor de tecnologia de Nova York. Silicon Pyramid refere-se a empresas de desenvolvimento de software no Egito. Há também o Silicon Glen, outro reduto tecnológico, próximo a Edimburgo, na Escócia.

Segundo John McLaughlin, presidente de uma associação histórica local, todos eles buscam um pouco da magia inovadora e geradora de empregos associada ao Vale do Silício (Silicon Valley), na Califórnia. Ele entende do assunto. Até pouco tempo atrás, sua associação sem fins lucrativos chamava-se Associação Histórica do Vale de Santa Clara. Após mudar o nome para Associação Histórica do Vale do Silício, sua equipe observou que as visitas ao site da entidade aumentaram significativamente e que a busca pelo novo nome representava o dobro das buscas pelo nome original no buscador Google. "Deveríamos ter feito isso há muitos anos", disse McLaughlin.

Amigos peludos e medos

Cerca de 61% dos americanos têm um animal de estimação, e uma parcela ainda maior acredita que cachorros são melhores companheiros que gatos, segundo uma enquete do instituto Public Policy. Já as cobras costumam aterrorizar os americanos, diz a pesquisa.

Uma nova voz

OLABAJO O. DADA

FOTOS @DA. PETERSON

Alunos estudam juntos após a aula de ESL

Aprenda!

Encontre mais recursos de **ESL** aqui.

Na Escola de Ensino Fundamental Eastway, em Charlotte, Carolina do Norte, onde leciono, as mãos inquietas dos alunos se erguem assim que pego o livro do dia — *The New Boy Is Lost* [*O Novo Garoto Está Perdido*], romance gráfico de Elizabeth Claire sobre um jovem imigrante japonês nos Estados Unidos.

"Podemos cantar?", pergunta Roman Diyali, aluno da oitava série do Nepal.

"Você quer musicar o livro?", pergunto.

Os quatro alunos do grupo de leitura acenam a cabeça com entusiasmo. Um deles já está dedilhando um violão imaginário.

Leciono inglês como segunda língua (ESL). Meus alunos são refugiados do Nepal, da Somália, da República Democrática do Congo e do Iraque, bem como imigrantes do México e de praticamente todos os países da América Central. Foram trazidos aos Estados Unidos por seus pais em busca de oportunidades ou segurança. Do mesmo modo que o protagonista do livro, Taro, muitos dos meus alunos estavam apreensivos por começar a vida em um novo lugar com uma nova língua.

"Eu estava com medo de vir pra cá", disse Puran Bhujel, aluno da oitava série que chegou aos Estados Unidos vindo do Nepal há mais de um ano. "Não tinha amigos, e todos falavam rápido demais. Eu não entendia nada."

Hoje, Bhujel, que também fala hindi e zoncá, a língua nacional do Butão, lê, escreve e fala inglês suficientemente bem para participar de uma aula de comunicação e expressão linguística de uma escola de

ensino fundamental padrão. Ele atribui sua rápida aprendizagem a bons professores e à disponibilidade de softwares para o ensino da língua nos computadores da escola. De fato, ele diz que o acesso à tecnologia constitui a maior diferença entre sua escola no Nepal e a sua escola na Carolina do Norte.

Irvin Rivas, aluno da oitava série que emigrou de El Salvador para morar com sua mãe, achou o ambiente pedagógico em sua escola americana completamente diferente do que ele tinha em seu país. "Nós tínhamos somente lousas de giz. Os tetos e janelas eram ruins, então quando chovia, não havia aula", disse Rivas.

Cultura ESL

Mais do que simplesmente tecnologia e infraestrutura de sala de aula, os programas ESL desde o jardim de infância até o ensino médio implementam estratégias que integram a aprendizagem da área disciplinar e a aquisição da língua. Os alunos não aprendem o inglês isoladamente, mas aplicam instantaneamente a nova língua na matemática, na ciência ou nos estudos sociais, por exemplo. O Protocolo de Observação de Instrução Contextualizada, uma coleção das estratégias de aprendizagem mais eficazes que vem sendo usada nos últimos 15 anos, usa recursos visuais e atividades de sala de aula que dão aos alunos situações reais para praticar o inglês.

A professora Emily Scott, da Escola de Ensino Fundamental Eastway, une conceitos da sala de aula à origem de seus alunos da sexta série. "Recentemente fizemos um trabalho escrito sobre o que a família significa na cultura dos alunos e analisamos as diferenças e semelhanças entre as culturas", disse ela. Sua abordagem ajuda a criar conexões pessoais uma vez que aluno e professor compartilham seus valores.

Eliza Gardner, que leciona para alunos da nona e décima séries na Escola de Ensino Médio West Mecklenburg em Charlotte, relatou: "Gosto de conversar com os alunos antes e depois da aula. Também tento ser bem clara sobre suas notas e ofereço a eles relatórios de progresso com mais frequência do que o exigido." Desse modo, continuou, eles ganham confiança vendo o quanto suas habilidades linguísticas estão melhorando.

Aproximadamente 80 % das universidades de todo o país têm programas ESL

Aproximadamente 80% das universidades do país também têm programas ESL para seus estudantes estrangeiros, de acordo com o U.S. News & World Report. Eles vão de aulas preparatórias a avançadas. Na Universidade Estadual de Portland, em Oregon, 10% dos formandos de 2010 tinham participado de cursos ESL. Na Universidade de Búfalo, em Nova York, o Instituto de Língua Inglesa oferece uma variedade de programas adicionais para os alunos, como orientação cultural e um programa de conversação entre colegas.

Para Eliza e Emily, poder ajudar recém-chegados a diminuir a barreira linguística é recompensador. "Acho que não há nenhuma outra ocupação na qual eu me sentirei realizada", disse Emily. "Lecionar ESL é a combinação perfeita de meu amor por pessoas, cultura e educação."

Encontrando suas vozes

De volta à minha sala de aula, após cada aluno ter uma cópia de The New Boy Is Lost, defino algumas páginas para serem musicadas e dou ao grupo 15 minutos para ler, compor, ensaiar e apresentar sua música. Para um quarteto vocal formado apressadamente, eles fazem uma apresentação estimulante. ▧

Métodos de ensino ESL

1 Método audiolingual
Os alunos memorizam diálogos e repetem em voz alta para melhorar as habilidades comunicativas.

2 Método direto
Recursos visuais transmitem significados em uma tentativa de eliminar a tradução.

3 Resposta física total
Os alunos respondem fisicamente, permitindo que os professores verifiquem a sua compreensão.

4 Abordagem natural
Visa o desenvolvimento da linguagem oral e desencoraja a correção de erros ou o ensino da gramática.

5 Abordagem comunicativa
"Aprender fazendo", abordagem na qual alunos comunicam significados reais, por exemplo, transmitir informações pessoais a um colega.

Alunos de quase todas as partes do mundo participam de uma aula de inglês

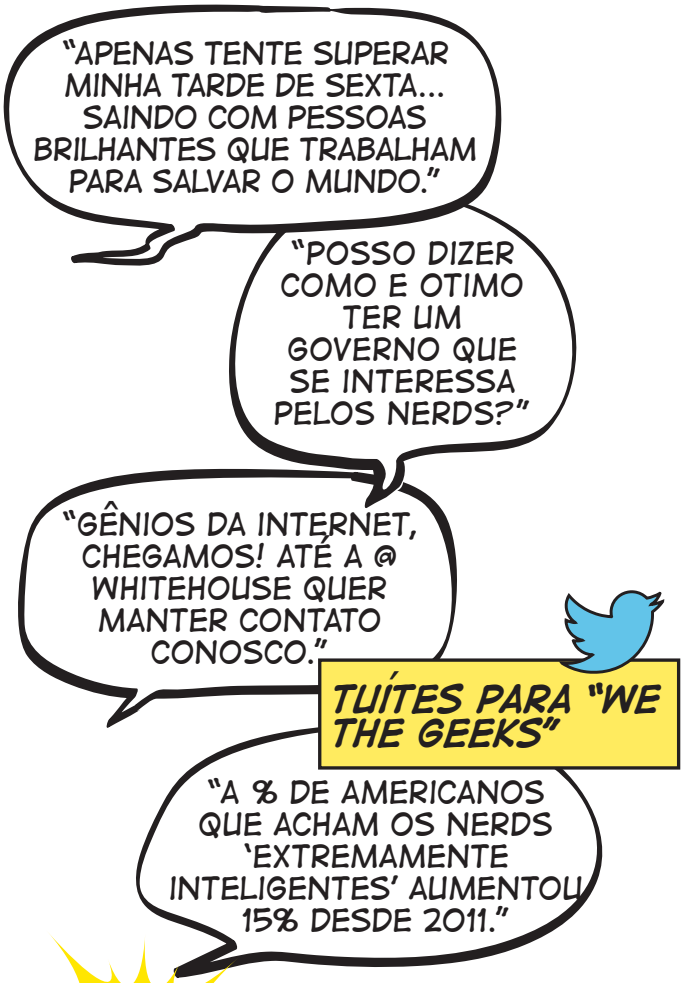
LIGANDO OS PONTOS: CHARLOTTE ●; PORTLAND ●; BÚFALO ●

Estilo super-herói

SASHA INGBER

Se alguma vez você quis ter força sobre-humana, poder de cura ou invisibilidade, confira então as invenções apresentadas em "We the Geeks". A série de bate-papos virtuais começou em 2013 na Casa Branca como um modo de ressaltar temas em discussão no Escritório de Ciência e Tecnologia. Este escritório desenvolve políticas e assessora o presidente em assuntos de ciência e tecnologia.

"Para nós, isso é nossa propriedade. Orgulho-me de ser um fanático por informática, e é disso que a série trata", disse Phillip Larson, assessor de políticas para espaço e inovação e um dos produtores de "We the Geeks". Em julho de 2013, "We the Geeks" divulgou as ideias originais de alguns cientistas de materiais inovadores, revelando do que são feitos os super-heróis.



PODER DE CURA

"Podemos imitar a pele humana?", perguntou Chao Wang, pesquisador de pós-doutorado em ciência dos materiais na Universidade de Stanford. Ele e uma equipe de químicos e engenheiros produziram uma pele sintética sensível ao toque e autocicatrizante, como a pele humana. Cruzamento entre metal e plástico, o material de cor cinza se recupera mesmo após diversas incisões de bisturi. Na verdade, sara muito mais rápido que a pele humana – em apenas 30 minutos.

Um dia, essa pele poderá revestir dispositivos e fios elétricos, reparando danos e gerando eletricidade. Por ser também sensível à pressão, poderá permitir que um membro protético imite a maneira como uma articulação se dobra naturalmente.

Poderá também cobrir robôs como sensor sensível ao toque, possibilitando às máquinas entender quanta pressão aplicar ao apanhar objetos diferentes – um telefone que está tocando ou um bebê que está chorando. Dos usos práticos aos bem distantes, Wang disse: "Queremos apenas fazer algo que possa mudar o mundo."

385 MIL LESÕES CAUSADAS POR AGULHA E OUTROS OBJETOS PONTIAGUDOS OCORREM TODOS OS ANOS COM FUNCIONÁRIOS DE HOSPITAIS.

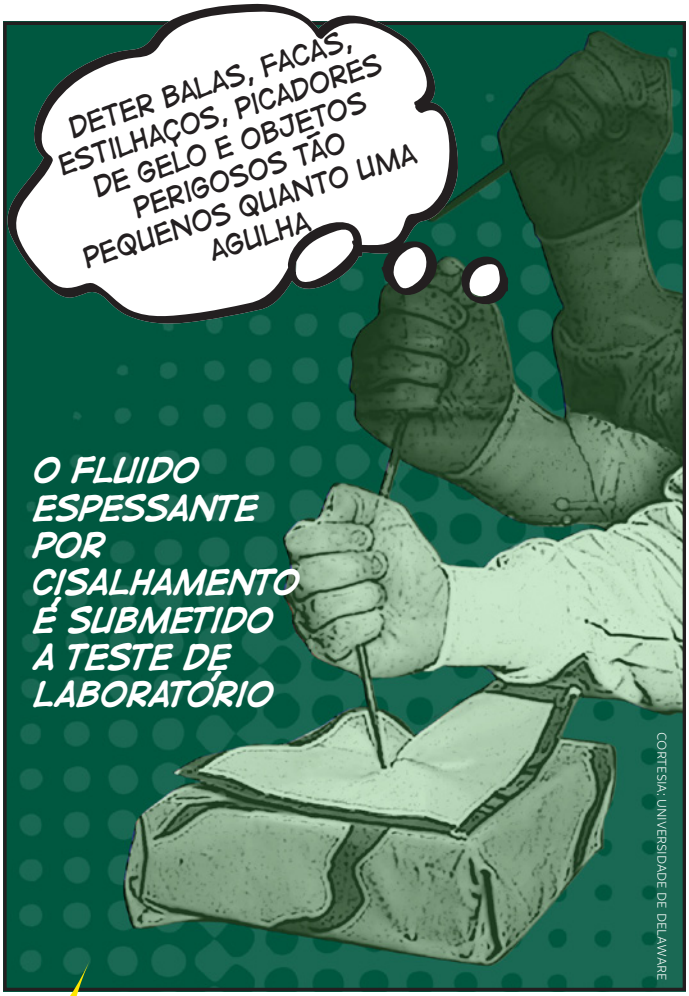
FORÇA

O professor de engenharia química Norman Wagner foi um dos inventores de uma armadura líquida na Universidade de Delaware junto com um cientista do Exército dos EUA. O "fluido espessante por cisalhamento" é feito de nanopartículas de cerâmica concentradas que endurecem sob impacto – detendo balas, facas, estilhaços, picadores de gelo e objetos perigosos tão pequenos quanto uma agulha.

Uma vez que a armadura líquida protege as pessoas em situações de alto risco, "temos de nos preocupar com todas as maneiras como podemos usá-la; armazená-la em um porta-malas em um dia quente de verão, mergulhá-la em água fria", disse Wagner. "Ela durará?"

Além do uso previsto para a vestimenta de militares e policiais, a armadura líquida poderá ser adicionada a luvas médicas para proteger os milhares de médicos e enfermeiros que se espetam acidentalmente com agulhas todos os anos. Alguns contraem HIV, hepatite e outros patógenos transmitidos pelo sangue, que podem causar doenças e morte. As capacidades protetoras do fluido talvez também possam ser úteis em naves espaciais e roupas de astronautas, onde micrometeoritos e fragmentos de meteoros representam riscos graves.

"É uma excelente oportunidade para traduzir pesquisa fundamental em um produto que traz benefícios às pessoas", disse Wagner.



INVISIBILIDADE

"Não nos propusemos a tornar as coisas invisíveis", disse David Smith, professor de engenharia elétrica e da computação da Universidade Duke. "A ideia de fazer algo tão exótico e instigante como uma capa de invisibilidade tornou-se de repente real. É o que estamos fazendo, apenas com algumas advertências."

Tudo começou em 2006, quando ele passou a trabalhar com materiais de placa de circuito – essencialmente cobre sobre plástico. Sua equipe conseguiu fazer ondas se curvarem em torno de um objeto e emergirem como se tivessem passado por um espaço vazio.

Mas o que se esconde debaixo da "capa", que se estende por apenas 41 cm, ainda pode ser visto pelo olho humano. É invisível apenas para ondas eletromagnéticas que transmitem sinais através de dispositivos como telefones celulares, laptops e televisores.

Isso significa que, se a capa envolver um objeto que cria interferência durante uma ligação telefônica ou um programa de televisão, sua "invisibilidade" pode permitir audição mais clara. Ao dobrar ondas acústicas e canalizá-las em torno de um submarino, a capa poderá ocultá-lo de um sonar. Ou então, poderá permitir aos médicos descobrir pequenos tumores que muitas vezes escapam à detecção ultrassônica.

Um dia, essas invenções poderão ser tão úteis que ficarão entremeadas na vida cotidiana com objetos domésticos comuns. Agora, se alguém pudesse inventar um aparelho que prevê o futuro... ▧

Mishelle Farer aluga um quarto de seu apartamento de Nova York pela Airbnb

Em busca de um compartilhamento justo

ANDRZEJ ZWANIECKI

Em São Francisco, é possível pagar um valor acessível por uma corrida a um proprietário de carro que tenha tempo sobrando. Na Normandia, França, dá para alugar um castelo inabitado. E em muitos lugares do mundo é possível usar conexões Wi-Fi pagas por assinantes com largura de banda de sobra.

As pessoas cada vez mais "compartilham" ou pagam taxas para usar temporariamente produtos (como residências, carros e barcos) de propriedade de outras pessoas. E elas compartilham também tempo e habilidades. "Mais pessoas estão começando a perceber os benefícios desses tipos de programas e mercados", disse Kevin Petrovic, 19 anos, cofundador da FlightCar, empresa de compartilhamento de automóveis. As receitas totais na economia de compartilhamento, ou peer-to-peer, atingiram US$3,5 bilhões em 2013, segundo a revista Forbes. A expectativa é que as receitas cresçam mais de 25% por ano durante os próximos anos.

Fazendo mais com menos

Dividir com a comunidade é tão velho quanto a humanidade. Mas a tecnologia moderna acrescentou variedade aos produtos e serviços compartilhados, o que torna o compartilhamento atraente para potenciais emprestadores e tomadores.

A tecnologia também significa que as transações estão se tornando convenientes e baratas, segundo April Rinne, diretora de Estratégia da Collaborative Lab e membro do Fórum de Jovens Líderes Globais do Fórum Econômico Mundial. Empresas on-line como a Airbnb, que permite às pessoas relacionar e reservar apartamentos e casas de férias temporariamente desocupados, e a BlaBlaCar, empresa de compartilhamento de caronas, ligam proprietários a usuários e cuidam da cobrança, enquanto celulares inteligentes equipados com GPS permitem aos usuários localizar os produtos que querem tomar emprestados.

A filosofia por trás desse modelo empresarial é "Você pode fazer mais com menos e você pode ter mais se compartilhar em vez de possuir", disse April. O tomador que paga uma taxa acessa um recurso caro somente quando precisa e paga somente pelo que usa. Ao mesmo tempo, os proprietários fazem dinheiro com coisas que querem ter mas não usam o tempo todo.

©WENG/CHIU/AP IMAGES, MURAC A/STAUFFSMITH/SHUTTERSTOCK.COM

Ruim para os negócios?

Transações *peer-to-peer*, ou pessoa a pessoa, estimulam os negócios locais, segundo April. Ela cita um estudo da Airbnb, de São Francisco, que conclui que a empresa contribuiu com US$ 56 milhões em receitas tributáveis para a economia da cidade da Califórnia em 2012.

Mas os governos locais não estão certos sobre como taxar, autorizar ou aplicar as regras de zoneamento e seguro para essas empresas.

Além disso, analistas de mercado do ConvergEx Group, empresa global de corretagem, preocupam-se com a possibilidade de o compartilhamento prejudicar a venda de casas, carros e outros produtos de consumo, enfraquecendo a economia. Proprietários de hotel e taxistas de Nova York, São Francisco, Washington e outras cidades estão fazendo lobby junto a autoridades municipais para coibir as empresas *peer-to-peer*.

April contra-ataca essas reclamações mostrando que o dinheiro não gasto em novos carros ou casas de férias é gasto em outros setores da economia. Ela também argumenta que o compartilhamento reduz a pressão sobre os recursos naturais, ao mesmo tempo que aproxima as pessoas.

Contribuir com práticas ambientais mais sustentáveis e construir comunidades mais fortes "pode ser realmente significativo" para os consumidores, segundo Cait Lamberton, professor de administração da Universidade de Pittsburgh.

Os tomadores estão preocupados com a veracidade das transações. A maioria das empresas *peer-to-peer* faz verificações de antecedentes para se proteger contra fraudes ou serviços ruins. Consequentemente, os governos locais podem se preocupar menos com o padrão e a qualidade dos serviços *peer-to-peer*, disse Arun Sundararajan, da Escola de Administração da Universidade de Nova York. E, para manter os tomadores satisfeitos, outros usuários são incentivados a postar advertências nas mídias sociais sobre fornecedores não confiáveis.

Independentemente dessas medidas, os críticos ainda argumentam que a proteção não é adequada e que é difícil encaixar o modelo das empresas peer-to-peer na estrutura regulatória existente.

Hoje, os municípios americanos inclinam-se para o compartilhamento. Prefeitos de 15 grandes cidades, entre elas Nova York, São Francisco e Chicago, em resolução conjunta de junho de 2013, pedem "cidades mais compartilháveis".

"Esta é uma época decisiva para a economia de compartilhamento, tanto em termos da adoção quanto da regulamentação", disse Petrovic, da FlightCar. ▧

©AP IMAGES

De pessoa para pessoa

Os três fundadores adolescentes da FlightCar viram uma oportunidade em um estacionamento do Aeroporto Internacional de São Francisco, onde os carros ficavam estacionados durante dias, esperando seus proprietários voltarem de viagem. No início de 2013, os adolescentes lançaram uma empresa que hoje opera naquele aeroporto e no Aeroporto Internacional de Logan em Boston para ajudar os proprietários a alugar seus veículos enquanto estão fora. "Há uma infinidade de oportunidades", disse Petrovic, da FlightCar.

Segundo ele, as pessoas precisam de uma razão convincente para emprestar repetidamente o carro ou pagar para tomar emprestados esses carros em vez recorrer a uma empresa tradicional de aluguel de carros. "Tentamos nos certificar de que o nosso serviço requer apenas as menores mudanças de comportamento, embora proporcione enormes benefícios" aos que emprestam e aos que pegam emprestado, disse Petrovic. "É realmente importante ser fanático com relação à experiência do usuário."

LIGANDO OS PONTOS: SÃO FRANCISCO ●; NOVA YORK ●; WASHINGTON ●; PITTSBURGH ●; CHICAGO ●; BOSTON ●

Metade dos americanos aluga, arrenda ou pega emprestados itens como:

FONTE: PESQUISA SUNRUN 2013

ESPECIAL

Avanço da raça

Uma nova geração celebra a história dos negros

Trabalhadores colocam estátua da lenda de jazz Duke Ellington em Shaw, bairro de Washington, DC

©TIM COOPER

Desde 1881, o Mercado Municipal da Rua O é um centro varejista movimentado no bairro Shaw

CORTESIA (MERCADO MUNICIPAL DA RUA O)

Bairro negro da capital americana

NATALIE HOPKINSON

Se um único edifício pudesse contar a história da experiência urbana dos negros nos Estados Unidos, esse edifício seria o Teatro Howard em Washington.

Em 1910, ele se tornou o primeiro espaço para apresentações construído para afro-americanos nos Estados Unidos. Recebeu músicos negros famosos como Ella Fitzgerald, Louis Armstrong, Billie Holiday, Nat King Cole, Marvin Gaye, Aretha Franklin, Dizzy Gillespie, Otis Redding e Lena Horne.

Antes disso, com a abolição da escravidão em 1865, muitos negros deixaram as fazendas do Sul onde haviam sido forçados a trabalhar e se estabeleceram em cidades como Washington. Embora não fossem mais escravos, os negros eram segregados dos brancos em todo o país pelas leis Jim Crow, que receberam esse nome devido ao personagem estereotipado de um show de menestrel ofensivo aos negros.

Surgiram bairros só de negros. "Tínhamos as mesmas coisas que todo mundo", disse Dianne Dale, natural de Washington, historiadora e escritora, lembrando-se da era Jim Crow em Washington. "Era apenas menor."

Um desses bairros negros de Washington era o Shaw, que recebeu esse nome em homenagem a Robert Gould Shaw, comandante de uma famosa unidade de infantaria da Guerra Civil composta só por negros. Foi no Shaw que o Teatro Howard foi erguido.

Até a década de 1960, a faixa que começa no Teatro Howard e vai até a Rua U era conhecida como "Black Broadway". Embora surgida em decorrência do racismo, a comunidade aspirava ser tão importante quanto a famosa Broadway em Nova York.

Nas décadas de 1950 e 1960, o movimento pelos direitos civis exigia uma sociedade em que os negros fossem livres para viver, estudar e trabalhar onde quisessem. As leis Jim Crow foram substituídas pela Lei de Direitos Civis de 1964 e pela Lei do Direito ao Voto de 1965. Mas quando Martin Luther King Jr. foi assassinado em 1968, muitas comunidades negras se revoltaram. Os manifestantes incendiaram bairros segregados de Washington e outras cidades, como Newark, Nova Jersey e Detroit. O governo federal enviou tropas para bairros como o Shaw para apagar os incêndios e restaurar a ordem.

Os motins fizeram com que muitas famílias negras deixassem o Shaw e se mudassem para comunidades brancas que anteriormente estavam fechadas para elas. Seu velho bairro sofria com a pobreza e a criminalidade. No fim dos anos 1970, o Shaw havia se tornado um lugar difícil para viver, com escolas decadentes e violência relacionada com o comércio de drogas ilícitas. Prédios incendiados foram abandonados. As bandas de go-go, que tocavam um estilo característico da música de Washington, realizaram um dos últimos shows do Teatro Howard antes deste ser fechado no início dos anos 1980 já caindo aos pedaços e infestado por ratos.

Inúmeros edifícios ficaram em ruínas antes do fim da década de 1990, quando investidores do setor imobiliário começaram a invadir o Shaw e outros bairros de Washington antes de maioria negra. Edifícios de habitação pública foram derrubados e substituídos. Jovens profissionais negros e brancos afluíram para a área, restaurando algumas das casas geminadas da era vitoriana. Restaurantes foram

CORTESIA (TEATRO HOWARD)

1980: o Teatro Howard é abandonado. Em 2002, era considerado um dos pontos históricos mais perigosos de Washington

©TIM COOPER

2012: Depois de uma reforma de US$ 29 milhões, o Teatro Howard é reinaugurado

inaugurados. Escolas foram reformadas. Os índices de criminalidade caíram.

Mais de um século depois de ter sido construído, o Teatro Howard renasceu com uma reforma de US$ 29 milhões em 2010.

Até a restauração, o teatro de estilo Beaux Arts estava abandonado por 30 anos. "Decrépito e triste, o teatro era apenas mais um exemplo das ruínas americanas", disse o artista Sean Hennessey, que comprou uma casa a algumas quadras do teatro em 2003 e mais tarde foi contratado para esculpir o trompete para a figura do músico de jazz que hoje coroa o edifício.

Hoje, as ruas do bairro Shaw refletem suas origens na era Jim Crow, bem como sua transformação no último século.

Subindo a rua a partir do Teatro Howard, está a Universidade Howard, criada em 1867 para instruir escravos libertos. Ela tem mais de 10 mil alunos matriculados e compete por estudantes negros com outras grandes universidades. O Hospital da Universidade Howard ao norte, subindo a Avenida Geórgia, foi construído originalmente com o nome de Hospital dos Homens Libertos, durante a Guerra Civil, e ainda forma médicos e dentistas negros.

Clubes famosos do bairro, como o Bohemian Caverns e o Republic Gardens, onde tocaram grandes nomes do jazz como Duke Ellington e Miles Davis, foram reinaugurados nos últimos anos.

A Associação Cristã de Moços Anthony Bowen, criada no Shaw como um clube de saúde para os negros em 1853, foi reinaugurada em 2013 em uma instalação moderna de 4.100 metros quadrados.

Washington é uma cidade mais rica hoje. À medida que mais jovens profissionais estão se dirigindo para a cidade, sua identidade está mudando novamente. Muitos negros nativos de Washington têm sentimentos ambíguos com relação às mudanças recentes. "É como se alguém entrasse na sua sala de estar e reorganizasse todos os móveis", disse a historiadora Dianne Dale sobre as mudanças no bairro.

Muitas famílias que tinham ou alugavam casas durante os anos de instabilidade que se seguiram aos motins acham injusto que os altos preços de hoje as impeçam de ficar no bairro. Elas apoiam o renascimento de instituições como o Teatro Howard, mas temem não poderem desfrutar de suas apresentações.

"Passo toda semana na frente do teatro e sempre me encho de orgulho e de um sentimento de pertencimento, tanto no sentido geográfico quanto uma marca no *continuum* histórico", disse o escultor Hennessey. "O futuro é certamente de renovação contínua. Esperamos que seja um futuro que inclua todos." ▧

Natalie Hopkinson, doutora, é autora de Go-Go Live: The Musical Life and Death of a Chocolate City [O Go-Go Vive: Vida e Morte Musicais de uma Cidade Chocolate] *e mora em Washington.*

LIGANDO OS PONTOS:
WASHINGTON ●; NOVA YORK ●; NEWARK ●; DETROIT ●

Inspirados a agir

Os americanos nascidos entre 1977 e 1994 representam a maior parcela entre os adultos jovens e a geração com maior diversidade racial da história dos Estados Unidos. Ao trabalharem para mudar o mundo, eles se espelham nos heróis dos direitos civis que os precederam.

Maya Thompson, 22 anos,
Forte Washington, Maryland, estagiária, Biblioteca do Congresso

Fui presidente do escritório da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP, na sigla em inglês) na minha escola de ensino médio e, na faculdade, me concentrei em Estudos Africanos. Hoje, trabalho na coleção Vozes dos Direitos Civis na Biblioteca do Congresso, organizando cartas sobre a segregação racial durante os tempos de luta pelos direitos civis. Os relatos dos que foram testemunha da história ajudam as gerações futuras.

Quem me inspira é o jornalista **Simeon Booker** cujos artigos na revista Jet estariam perdidos para a história se ele não tivesse tido a coragem de chamar nossa atenção para eles. Booker assumiu riscos porque sabia da importância dos assuntos que tinha em mãos. Ele cobriu o assassinato de um adolescente negro chamado Emmett Till, e a matéria e as fotos do corpo de Till despertaram o mundo para as atrocidades que estavam passando despercebidas por muitos.

Recentemente, tive a honra de conhecer Simeon Booker. Ele falou sobre os perigos que enfrentou décadas atrás, e me emocionei quando ele disse que nem sempre sabia se conseguiria comer enquanto trabalhava, porque, sendo negro, não podia entrar em muitas lojas e restaurantes. Precisamos nos lembrar de tudo o que damos como certo hoje, e ainda precisamos lutar por justiça para as pessoas marginalizadas.

LIGANDO OS PONTOS:
FORT WASHINGTON

©D.A. PETERSON

Dana Bolger, 22 anos,

St. Louis, Missouri, estudante, Faculdade de Amherst em Massachusetts

Sou coorganizadora da Conheça seu IX, campanha educativa voltada para estudantes de todo o país sobre seu direito de frequentar uma escola sem violência sexual e assédio, sob a proteção de uma lei chamada Título IX.

Rosa Parks é mais lembrada por sua recusa em ceder seu assento no ônibus a um homem branco, mas na época em que ela fez isso já estava engajada com ativismo contra a violência sexual, documentando testemunhos de mulheres negras vítimas de homens brancos.

Rosa Parks foi muito mais radical que a personagem sobre a qual li no ensino médio: ousou criticar práticas aceitas pela sociedade e exigir o que parecia impossível.

Ela sabia que o poder não concede nada sem algo em troca, e todos nós, lutando por uma mudança hoje, precisamos nos lembrar disso.

Raheem Washington, 18 anos,

Ohio, estudante, Universidade do Estado de Ohio

No ensino médio, fui introduzido ao Projeto Álgebra, que ensina matemática de um jeito novo. (Uma vez, fomos ao centro da cidade, tiramos fotos de pontos turísticos e as usamos para estudar conceitos matemáticos.) Os professores me ajudaram a perceber que eu poderia ir para a faculdade, e tomei uma decisão difícil: dar um tempo no futebol para focar na escola. Durante cinco anos, fui tutor de crianças do ensino fundamental como parte do Projeto Jovens.

Respeito **Bob Moses**, o primeiro estudante com deficiência séria a estudar na Universidade da Califórnia em Berkeley, onde estudo. Roberts lutou para que a cidade de Berkeley, o estado da Califórnia, os Estados Unidos e o mundo fossem mais acessíveis para todos. Conhecido como o pai do movimento pelos direitos da pessoa com deficiência, Roberts me inspira por seu empenho no aconselhamento e no compartilhamento de suas experiências com os outros: a chave para uma mudança nas políticas públicas.

Hamza Jaka, 21 anos,

Fontana, Wisconsin, estudante, Universidade da Califórnia em Berkeley

Uso uma cadeira de rodas e, sendo uma pessoa com deficiência, pude avançar graças à minha rede de apoio. Como copresidente da organização sem fins lucrativos Kids as Self Advocates (Crianças por Seus Próprios Direitos), ajudo jovens com deficiências a ir atrás de seus objetivos. Sou conselheiro da Rede de Liderança Empresarial dos EUA, que busca a inclusão de pessoas com deficiência no ambiente de trabalho.

Meu herói é **Ed Roberts**, o primeiro estudante com deficiência séria a estudar na Universidade da Califórnia em Berkeley, onde estudo. Roberts lutou para que a cidade de Berkeley, o estado da Califórnia, os Estados Unidos e o mundo fossem mais acessíveis para todos. Conhecido como o pai do movimento pelos direitos da pessoa com deficiência, Roberts me inspira por seu empenho no aconselhamento e no compartilhamento de suas experiências com os outros: a chave para uma mudança nas políticas públicas.

Donnel Baird, 33 anos,

Nova York, fundador, BlocPower

A BlocPower e seus parceiros promovem e financiam projetos de eficiência energética em pequenas empresas, igrejas e escolas em áreas urbanas. Nossa *startup* sem fins lucrativos emprega trabalhadores locais para reabilitar edifícios.

Diane Nash estudou a não violência de Gandhi durante 18 meses com o reverendo James Lawson e outros estudantes da faculdade na Comissão Estudantil de Coordenação Não Violenta para aprender como a não violência poderia desestruturar um regime segregacionista violento no Sul dos Estados Unidos. Ela desafiou juízes locais e foi voluntariamente para a cadeia no Alabama, mesmo estando grávida de oito meses. Diane colocou sua vida em risco para agir de acordo com seus princípios, de forma a acabar com as leis Jim Crow que determinavam a segregação racial.

Nossa geração pode aprender com a coragem e a genialidade estratégica de Diane Nash para alcançar resultados de grande magnitude. Espero aprender, com a vida dela, como ajudar pessoas a resolver os problemas da alta taxa de desemprego e das mudanças climáticas.

“Ela colocou sua vida em risco para agir de acordo com seus princípios.”

Zim Ugochukwu, 25 anos,

São Francisco, fundadora, Travel Noire

Em 2009, como estudante da Universidade da Carolina do Norte em Greensboro, fundei a Ignite Greensboro para ajudar a abrir o Centro e Museu Internacionais de Direitos Civis de Greensboro.

Recentemente, comecei outro projeto, chamado Travel Noire, para levar mais jovens negros a viajar para o exterior.

Admiro **Charles Neblett**, líder da Comissão Estudantil de Coordenação Não Violenta, que se sentou a um balcão "somente para brancos" em uma lanchonete de Greensboro, onde frequentei a escola. Ele não esperou a permissão de ninguém para mudar o mundo. Enfrentou a injustiça sem temor e hesitação, e por isso me inspira a continuar desafiando as injustiças.

Rose Bear Don't Walk, 19 anos,

New Haven, Connecticut, estudante e membro da tribo salish, Universidade de Yale

Estou trabalhando pela incorporação dos conhecimentos ecológicos tradicionais dos índios americanos para a solução de problemas atuais do meio ambiente. Como secretária de uma organização chamada Índios Americanos de Yale, também trabalho pelo fim do preconceito contra os ameríndios.

Quem me inspira é **Benjamin Chavis**, que cunhou o termo "racismo ambiental", um tipo de racismo que tem como alvo comunidades minoritárias, às quais se impõem condições tóxicas de instalações e depósitos de lixos próximos. Esse termo ecoa nas reservas indígenas, pois muitas tribos têm sido submetidas a esse tipo de discriminação. Hoje, com movimentos como o Passivos Nunca Mais, os índios estão combatendo o racismo ambiental, e eu desejo unir-me a eles. Já que éramos os guardiões originais desta terra, precisamos lutar por ela e cuidar dela, para que possamos todos viver em um mundo mais próspero.

Joseph Rocha, 27 anos,

São Francisco, estudante de direito, Universidade de São Francisco

Fui expulso da Marinha por assumir que sou gay. Isso me levou a unir minha voz àqueles que lutam contra a regra discriminatória "não pergunte, não diga", a qual força gays e lésbicas das Forças Armadas a esconder sua orientação sexual. Seus relatos ajudaram a derrotar uma lei que contradiz os valores fundamentais das Forças Armadas e do país que amamos.

Minha inspiração vem de **Harvey Milk**, o primeiro cidadão declaradamente gay nos Estados Unidos a vencer uma eleição para um cargo público municipal. Ele era um veterano do serviço militar que acreditava não haver ação mais poderosa do que compartilhar sua história. Sua vida me encorajou a ter esperança e dar esperança aos outros. Ainda me emociono com suas palavras: "Quando eles perceberem que nós somos, de fato, seus filhos, e que nós estamos em toda parte, todos os mitos, todas as mentiras, todas as insinuações serão destruídos de uma vez por todas".

Erika Duthely, 26 anos,

Washington, membro jurídico, Aliança pela Justiça

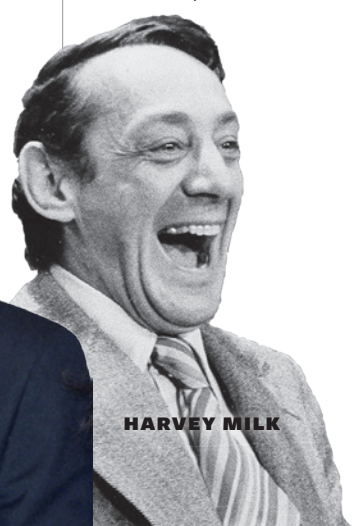
Garantir que todos tenham acesso igualitário ao nosso sistema judiciário é absolutamente necessário para a proteção dos nossos cidadãos mais vulneráveis. Ajudo americanos a resolver no tribunal de justiça suas reclamações trabalhistas originadas por más condições de trabalho, de segurança ou discriminação.

Muitos personagens e ativistas dos direitos civis me inspiram, mas, se for para escolher um, escolho a falecida **Shirley Chisholm**, sete vezes deputada. Inteligente e apaixonada, ela abriu o caminho para as mulheres negras desempenharem um papel significativo na política (no meu estado natal, Nova York – nada menos que isso). A vida de Shirley Chisholm me inspira na luta pelos meus objetivos pessoais e pelos direitos civis.

"Milk acreditava não haver ação mais poderosa do que compartilhar sua história."

CHARLES NEBLETT

BENJAMIN CHAVIS



HARVEY MILK

FOTOS DE CIMA: CORTESIA; FOTOS DE BAIXO: ©AP IMAGES

LIGANDO OS PONTOS:
ST. LOUIS ●; MANSFIELD ●; FONTANA ●;
SÃO FRANCISCO ●; GREENSBORO ●;
NEW HAVEN ●; NOVA YORK ●

Rimando como menina

O hip-hop improvisado de Toni Blackman

MICHAEL GALLANT

É um momento emocionante. A artista de hip-hop, educadora e escritora nova-iorquina não só está na fase final de conclusão de um novo projeto de livro e disco, mas também colabora com rabinos, bispos e imãs para integrar os mundos do rap e da meditação espiritual. Além disso, é importante mencionar sua constante colaboração com artistas que conheceu ao redor do mundo como a primeira especialista em cultura americana de hip-hop do Departamento de Estado dos EUA, e é de surpreender que ela consiga realizar todas essas tarefas.

É um momento emocionante. A artista de hip-hop, educadora e escritora nova-iorquina não só está na fase final de conclusão de um novo projeto de livro e disco, mas também colabora com rabinos, bispos e imãs para integrar os mundos do rap e da meditação espiritual. Além disso, é importante mencionar sua constante colaboração com artistas que conheceu ao redor do mundo como a primeira especialista em cultura americana de hip-hop do Departamento de Estado dos EUA, e é de surpreender que ela consiga realizar todas essas tarefas.

...na água só flutuo mas quero mesmo é nadar
sentada na pedra não consigo sair do lugar...

se a pergunta é como vai digo tudo bem
num só dia a nona mentira e sei lá pra quem

"Para elas, é uma experiência reveladora presenciar o poder da mulher que sabe improvisar um rap, no momento, com a mesma destreza mental de qualquer cara. Elas podem fazer isso também."

Trinise Crowder, artista de hip-hop e educadora nova-iorquina, que se apresenta com o nome AtLas', tem desempenhado papel ativo no Rhyme Like a Girl nos últimos seis anos. "Ensinamos confiança, autoconsciência, respeitar a sua voz e saber que o que você diz tem importância", afirmou, "mas também conseguimos incluir mensagens sociais e comunitárias". Por exemplo, o Rhyme Like a Girl promove a alfabetização financeira e o combate ao bullying.

Para AtLas', Toni Blackman tem sido mais que uma colega. "Toni é altruísta e uma inspiração", declarou. "Ela está disposta a ajudar você a melhorar como pessoa e como artista sem impor suas ideias de como você deveria ser." ▧

TREVOR HANSFORD

Toni Blackman faz rap com jovens bateristas afro-brasileiros em Salvador, Bahia, no Brasil

ER ANDERSON

CARSTEN FLECK

Ouçam!

Influências não convencionais

Quando se trata de burilar suas rimas, as influências de Toni são abrangentes e vão do cantor de rhythm and blues Marvin Gaye a artistas folk.

"Fui muito influenciada tanto por artistas de jazz como por inovadores do hip-hop como KRS-One e Rakim, mas também por grandes autores como Paulo Coelho, que escreveu O Alquimista", disse. "Gosto de ouvir pensadores e empreendedores que realmente trabalham para superar problemas, pessoas como Howard Schultz, fundador da Starbucks, e Cheryl Dorsey, presidente da fundação Echoing Green."

"Sempre fiz coisas que não foram feitas antes, sempre tive de buscar o meu caminho e estou sempre em busca de estímulo", acrescentou sorrindo. "Encontro inspiração em pessoas que vivenciam isso nas suas próprias vidas e no trabalho."

Improviso nas fronteiras

Toni Blackman vê a formação de um movimento em torno de jovens artistas de rap no mundo inteiro e espera levar a sua própria ourivesaria de palavras improvisada para uma jam session mundial.

"Tenho conversado com o Departamento de Educação da Academia de Música do Brooklyn sobre a possibilidade de criar uma cifra digital global para ajudar a promover esse movimento."

Na cultura hip-hop, a palavra cifra significa um encontro no qual os artistas se revezam fazendo rap com letras improvisadas. As cifras em geral acontecem pessoalmente, mas Toni espera aumentar a sua esfera de ação com a ajuda da tecnologia de videoconferência.

"Há pessoas em outras cidades e países esperando para se conectar, construir um círculo, fazer uma oficina de estilo livre, e todos nós vamos fazer isso juntos digitalmente", enfatizou.

Toni já realizou videoconferências sobre hip-hop com participantes dos Estados Unidos, de Israel, da Eslováquia e outros países. "Estou entusiasmada para fazer isso mais uma vez, em escala maior, e simplesmente ver o que acontece", concluiu.

Você codifica, menina!

MARK TRAINER

Enquanto a tecnologia continua a ser um dos setores comerciais de crescimento mais rápido e mais bem pagos dos Estados Unidos, com 1,4 milhão de empregos disponíveis previstos para os próximos cinco anos, quantos cargos serão preenchidos por mulheres?

As mulheres representam hoje apenas 12% de todos os formados em ciência da computação. Essa estatística preocupa Reshma Saujani, fundadora da Girls Who Code.

Em 1984, as mulheres representavam 37% de todos os formados em ciência da computação; hoje, representam apenas 12%. Essas estatísticas preocupam Reshma Saujani, fundadora da organização sem fins lucrativos Girls Who Code (Meninas que Codificam).

"As mulheres respondem por 85% de todas as compras de consumo", disse Reshma. "Nós tuitamos mais. Usamos mais o Facebook. Basicamente, somos donas da internet. Apenas não estamos do outro lado."

Em 2012, Reshma lançou o Girls Who Code, programa para desenvolver mulheres propensas à tecnologia e para tratar do declínio no número de mulheres nessa área. Em uma época em que a ciência da computação proporciona cada vez mais empregos e o salário no setor de tecnologia é 75% maior que a média nacional, Reshma luta para ajudar meninas do ensino médio a aproveitar as oportunidades.

"Como conseguimos fazer uma adolescente de 16 anos inteligente e apaixonada pelos estudos achar que deve aprender isso?", perguntou Reshma. "Se você observar os exames de matemática e ciências para meninos e meninas, as meninas de fato superam os meninos." Apesar do sucesso acadêmico, Reshma acredita existir uma "lacuna de incentivo" na cultura americana quando as meninas se aproximam da adolescência. "Alguma coisa acontece quando as meninas começam a dizer 'A matemática não é mais legal'. Elas decidem não fazer mais essas aulas."

Nos dois últimos verões, a Girls Who Code manteve programas de imersão de oito semanas gratuitos para capacitar participantes de 14 a 17 anos – a maioria proveniente de famílias de renda mais baixa – em ciência da computação, robótica, algoritmos, web design e desenvolvimento para dispositivos móveis. E a instrução vai bem além dos detalhes de programação. As participantes recebem mentoreamento de altas executivas e engenheiras da área de tecnologia. Elas aprendem

Participantes da Girls Who Code (da esquerda para a direita): Khandiles Zulu, Kafilah Muhammad, Sheree Lewis e Helena Denisenko

LIGANDO OS PONTOS:
NOVA YORK ●;
BOSTON ●;
FILADÉLFIA ●

81%

das participantes da Girls Who Code pretendem se especializar em ciência da computação

FOTOS: CORTESIA GIRLS WHO CODE

a construir um site, desenvolver um aplicativo para dispositivo móvel e manter uma conversa com um engenheiro sobre um plano de negócios.

O primeiro programa de oito semanas foi realizado em Nova York em 2012. Em meados de 2013, a Girls Who Code realizou quatro programas em Nova York, três na Califórnia e um em Detroit.

Natasha Driver, 16 anos, do bairro nova-iorquino do Bronx, ficou sabendo do programa de verão de 2013 por um conselheiro-instrutor. "Uso sempre o computador", disse Natasha, "por isso me perguntei por que não tentar?". Durante oito semanas ela se locomoveu para os escritórios da IAC/InterActiveCorp, empresa de mídia e internet no bairro nova-iorquino de Chelsea. "Sentávamos todas em uma sala, nós 20", ela disse. "Virou uma irmandade. Nós nos mantemos em contato, enviamos e-mails e temos os números de telefone umas das outras."

Além dos endereços eletrônicos e dos números de telefone, Natasha levou consigo uma forte impressão das mulheres do setor de tecnologia que serviram de professoras e mentoras. Ela descreveu como se sentiu após as participantes conversarem com Sara Haider, engenheira de software da Twitter Inc. "Foi muito legal encontrar uma engenheira de software, ouvir sua história e o quanto ela gosta do que faz. Pensamos: 'Uau, isso é alguma coisa que podemos fazer. É possível para todas nós'."

O sucesso do programa de imersão de verão levou a Girls Who Code a criar uma versão do programa para escolas de todo o país. Programas-piloto estão em andamento em Nova York, Boston e Filadélfia.

A Girls Who Code faz parceria com algumas das grandes empresas do setor de tecnologia que têm interesse em ajudar na criação de um grande grupo de futuras candidatas a emprego. O programa de verão de 2013 recebeu apoio de várias empresas, como Twitter Inc., eBay Inc., Intel Corporation, AT&T Inc. e General Electric Company.

O maior obstáculo enfrentado pelas meninas no campo da tecnologia, acredita Reshma, é adquirir confiança. É o que ela acredita ser o resultado mais valioso do programa para as meninas.

"No ano passado nossas meninas desenvolveram aplicativos para o Facebook", diz Reshma, "e os apresentaram a Sheryl Sandberg. Quando você tem 16 anos e está em pé em frente à diretora operacional do Facebook demonstrando um aplicativo que você desenvolveu, e ela diz 'Uau, precisamos mesmo fazer isso!', isso mexe com você. Então, quando você vai para a aula na faculdade, no primeiro ano de ciência da computação, você pensa 'Consegui'."

"Eu sabia que queria ir para a faculdade", disse Natasha sobre seus objetivos antes de frequentar a Girls Who Code, "mas não tinha a menor noção de minha especialização. (...) Fui até a Universidade de Tecnologia da Virgínia no último fim de semana para observar o campus e conhecer o programa de ciência da computação." ▧

"Nunca tinha ouvido falar de ciência da computação e agora não posso imaginar minha vida sem ela."

-Kafilah Muhammad

Falando por meio de charges

Como você pode falar entre línguas e culturas?

"As charges podem expressar sentimentos, sensações e conhecimentos que todos entendem", disse Rocío Martínez Jiménez, vencedor do Concurso Global de Charges Editoriais de 2012 do Centro para a Empresa Privada Internacional.

Jiménez é um dos artistas dos 83 países que apresentaram centenas de charges em três categorias: governança democrática, empreendedorismo e empoderamento de jovens. Um júri de oito pessoas, incluindo os renomados chargistas Patrick Oliphant e Thomas Gibson, selecionou dez finalistas em cada categoria. Três vencedores foram escolhidos entre eles por votação on-line.

Os artistas vêm de diferentes lugares, mas compartilham preocupações de que países que afirmam ser democracias deveriam ser democracias verdadeiras, a crença no lugar da juventude na construção do futuro e o interesse no desenvolvimento do empreendedorismo como um modo de explorar o potencial das pessoas.

"Para mim, a tirania que precisa ser interrompida é a corrupção", disse um dos vencedores, Taufan Hidayatullah. "A esperança se encontra na geração mais jovem."

Veja a versão em PDF desta edição da EJ|USA (link à direita) para visualizar as charges de todos os vencedores e os vários finalistas. ▧ –*A.Z.*

GOVERNANÇA DEMOCRÁTICA [GD]

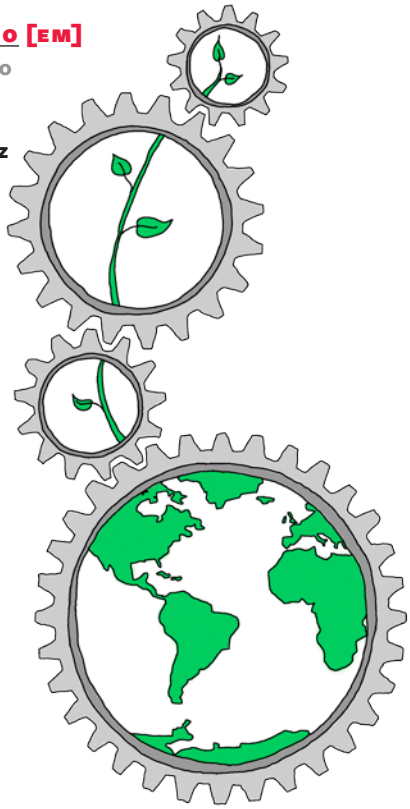
Além da urna eleitoral

VENCEDOR
Seyedbehzad Ghafarizadeh
IRÃ/CANADÁ

EMPREENDEDORISMO [EM]

O motor do crescimento

VENCEDOR
Rocío Martínez Jiménez
ESPANHA

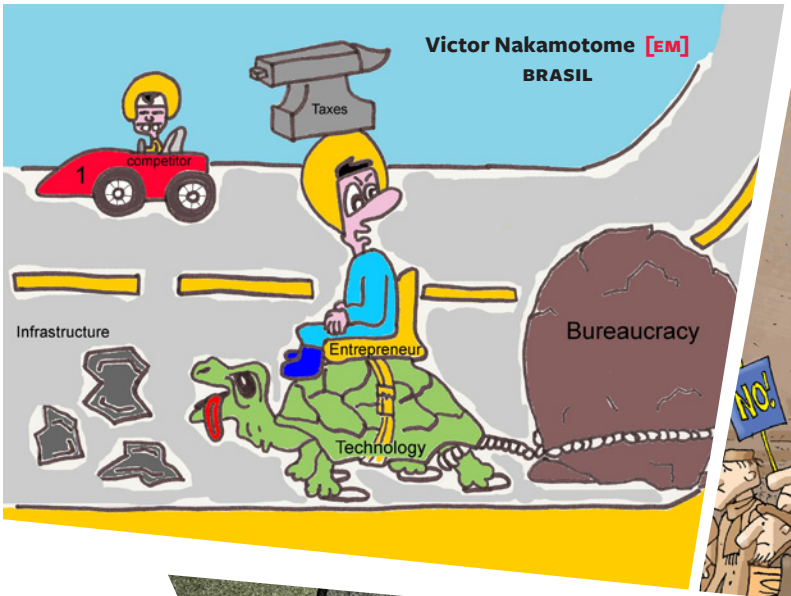


EMPODERAMENTO DE JOVENS [EJ]

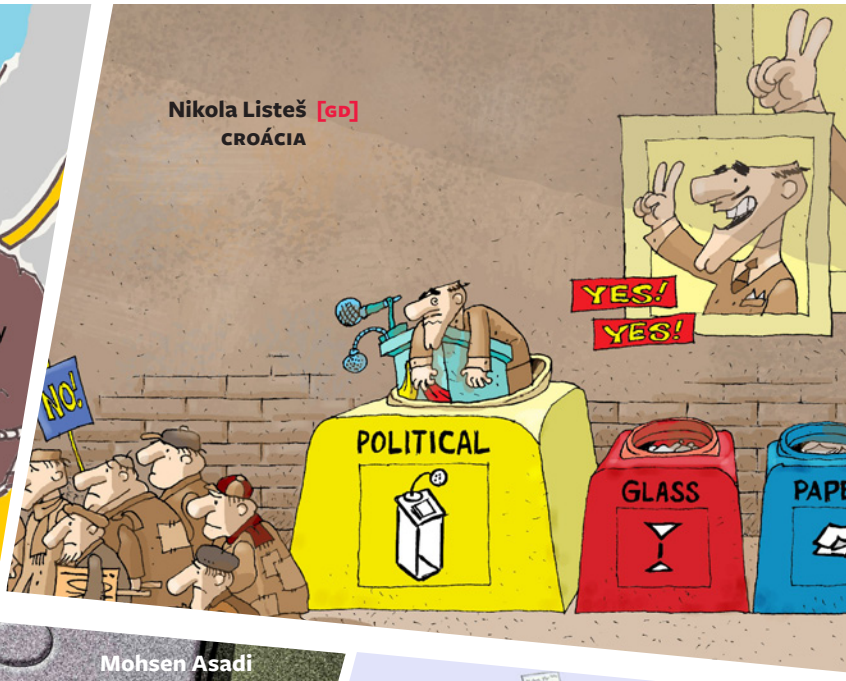
A chave para a reforma econômica e política

VENCEDOR
Taufan Hidayatullah
INDONÉSIA

CORTESIA: ©CENTRO PARA A EMPRESA PRIVADA INTERNACIONAL



Victor Nakamotome [EM]
BRASIL

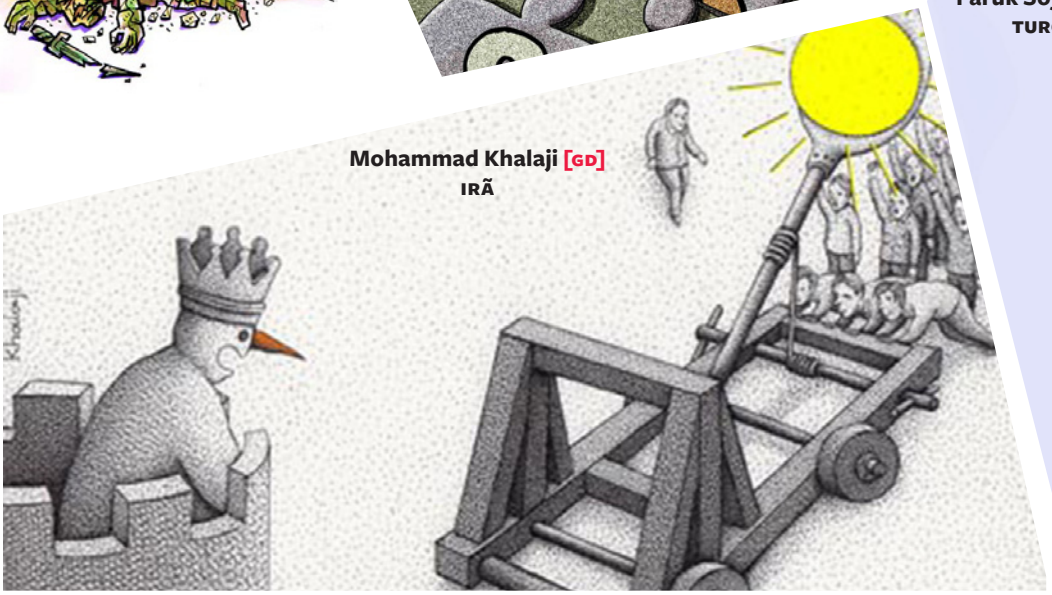


Nikola Listeš [GD]
CROÁCIA

Mohsen Asadi [EMS]
IRÃ

Norman Isaac [EJ]
FILIPINAS

Faruk Soyarat [EJ]
TURQUIA



Mohammad Khalaji [GD]
IRÃ

“As charges são uma linguagem internacional para expressar crenças e emoções, uma linguagem sem fronteiras e nacionalidade.”

— SEYEDBEHZAD GHAFARIZADEH

Incorporação rural do robô

Em um domingo ensolarado de outono, na cidadezinha de Accident, na zona rural de Maryland, membros de um clube 4-H de robótica e seus mentores se amontoam em torno de projetos espalhados em grandes mesas de um edifício industrial. Os alunos de ensino médio se esforçam para medir o chassis do robô, porque as medições têm de ser precisas.

Os membros desse clube projetam, constroem, programam e testam robôs para entrar em competições. "Passamos meses e meses nos preparando", disse Darrah Speis, aluna que integra a Força-G, uma das várias equipes que compõem o clube.

Os membros apresentam continuamente ideias para aperfeiçoar os robôs, disse Arlene Lantz, professora e mentora de equipe. "Às vezes eles ficam tão envolvidos que esquecem a hora de parar", disse Arlene, que precisa lembrá-los de parar de trabalhar e ir para casa.

Integrantes da equipe Tecno Trevos (de camisa verde) na Competição de Robótica First de 2012

FOTOS: CORTESIA 4-H

Mudando de direção

Há sete anos, Phil Malone, engenheiro de software especializado em robótica, liderou a iniciativa de transformar um galpão desocupado em espaço de trabalho comunitário. Fazia parte de seus planos estimular o interesse dos alunos em ciências, tecnologia e engenharia. Após se aposentar, fundou a Sociedade de Engenharia e Robótica de Garrett (Gears), entidade sem fins lucrativos.

O condado de Garrett, onde se localiza Accident, fica longe das grandes cidades. Há poucas atividades extracurriculares competindo pela atenção dos estudantes. Malone ficou encantado em saber que Arlene e outro professor, Chuck Trautwein, vinham dirigindo acampamentos de tecnologia e robótica Lego antes do lançamento da Gears, abrindo caminho para a expansão das atividades de robótica.

O interesse pela robótica aumentou quando, em 2009, a 4-H lançou um programa de robótica disponível para todos os estudantes locais. Os membros da comunidade, as empresas locais e o condado contribuíram com equipamentos e apoio financeiro. Malone inventou os SuGO, robôs construídos por alunos mais jovens com conjuntos Lego Mindstorms que se empenham em uma versão robô de luta sumô. Os membros do clube vendem robôs SuGO e kits correlatos para arrecadar dinheiro para outros equipamentos de robótica.

Durante as práticas e os torneios, os membros aprendem mecânica, dinâmica, programação de computador e outras disciplinas. "Conseguimos ver as ideias que todos têm, como elas se desenvolvem, como conduzem à tomada de decisão", disse Robbin Browning, o programador da equipe Força-G.

A colega de equipe Darrah Speis gosta da engenhosidade proporcionada pelos robôs. "Se você consegue pensar em algo, pode fazê-lo", disse.

O trabalho em equipe também é importante. Em recente competição Desafio 4-H Lego, a equipe de Darrah alcançou pontuação excelente, regozijou-se e foi em seguida desqualificada por uma pequena falha técnica. Para voltar à competição, os membros da equipe tiveram de fazer um ajuste importante e reiniciar o robô em 30 minutos. "Jamais pensei que isso aconteceria", disse Darrah. "Mas nós realmente juntamos forças e acabamos vencendo."

Darrah, uma das duas moças da equipe, não se sente discriminada. "Todos da equipe têm a mesma mentalidade", disse ela. Em uma equipe anterior só de meninas, ela gostava de usar camisetas cor de rosa, aproveitando os intervalos para dançar e relaxar e debater a "legalidade e praticidade de 'deslumbrar' seu robô", escreveu em artigo publicado no jornal *Delmarva Farmer*.

240 clubes 4-H de robótica registrados nos EUA

Levi Lantz, ex-aluno da Força-G e mentor da equipe, trabalha com a novata Darrah para prender os blocos aos braços do robô

Troféus como motivadores

Quando alguém visita as instalações da Gears, Arlene sempre conduz o visitante por uma vitrine com mais de 60 troféus conquistados por oito equipes de robótica do condado de Garrett nos últimos anos.

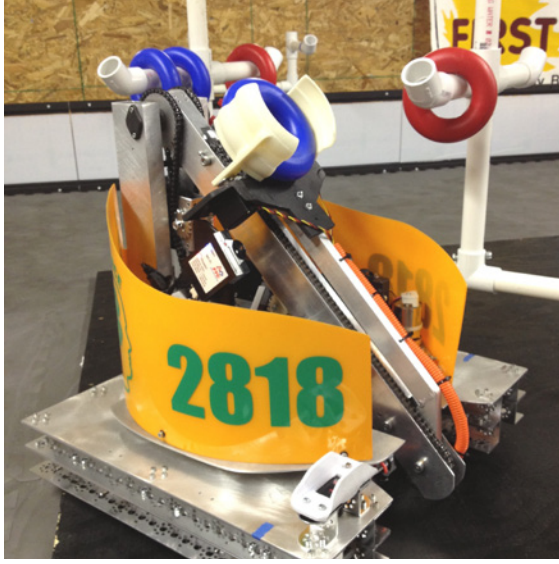
Cada conquista traz novos membros e aumenta o compromisso dos atuais, dizem os mentores. Em 2013, uma equipe ganhou um prêmio de inovação por um pegador projetado para idosos com má coordenação entre as mãos e os olhos. Outras duas equipes, a Tecno Trevos e a Força-G, se qualificaram para o Campeonato Mundial de Desafio Tecnológico First todos os anos em que competiram.

Vários membros continuam estudando engenharia ou tecnologia da informação na faculdade. Alguns se formam e voltam como mentores, inclusive os filhos de Arlene. A sociedade de robótica tem muito alcance, capacitando estudantes no condado de Garrett e de outros lugares. E a Faculdade de Garrett inaugurou recentemente um laboratório de engenharia e robótica para cultivar o talento nascente da comunidade.

Quando Malone pensa em todo o interesse estudantil e no apoio da comunidade à robótica testemunhados por ele, reconhece que jamais pensou que se tornariam tão grandes. ▧ –*A.Z.*

LIGANDO OS PONTOS: ACCIDENT

60 milhões
de formados pelo programa 4-H nos EUA



Este robô construído pela Força-G apanha anéis de um dispensador e os coloca em um suporte central

Princípios básicos da 4-H

- Com **6 milhões de membros**, a 4-H é a maior organização dos EUA para o desenvolvimento de jovens. Criada no início dos anos 1900, sua meta era ensinar aos alunos das zonas rurais como aplicar a ciência e a tecnologia no trabalho agrícola e doméstico. (4-H refere-se a *head, heart, hands, health* – cabeça, coração, mãos e saúde)
- A dependência econômica cada vez menor da agricultura e o crescimento da participação dos membros de áreas urbanas mudou o foco da 4-H das propriedades agrícolas para a **ciência e a engenharia**.
- As atividades da 4-H são financiadas pelo Departamento de Agricultura dos EUA, por **111 universidades**, por empresas privadas como a J.C. Penney Company Inc. e a Lockheed Martin Corporation e por voluntários adultos.
- Os membros da 4-H escolhem **um projeto** para trabalhar durante um ano.
- Estudo da Universidade Tufts relata que os membros da 4-H obtêm **notas melhores na escola** do que os não membros e têm mais probabilidade de participar de programas de ciência, engenharia ou tecnologia da computação.

FONTE:4-H

©AP IMAGES

Grande terça-feira gorda

KOURTNI GONZALEZ

"**Você pode ganhar colares por dias seguidos**, mas não é fácil conseguir um coco ou um sapato. Eles são muito cobiçados", disse Carrie Jo Martina, referindo-se aos adornos especiais atirados para a multidão por ocasião do festival anual de Mardi Gras, em Nova Orleans.

O desfile é realizado na véspera da Quaresma, o período de 40 dias observado por muitos cristãos antes da Páscoa. As organizações sociais conhecidas como *krewes* patrocinam e montam os carros alegóricos, atirando os pequenos adornos para os espectadores durante todo o percurso do desfile, que desce a famosa Avenida St. Charles. Alguns *krewes* jogam itens de marca, como sapatos cuidadosamente decorados atirados à multidão pelo Krewe das Musas ou cocos pintados à mão distribuídos pelo Krewe do Zulu. Wade Wright, integrante do Krewe do Zulu, começou a pintar cocos em dezembro de 2013 para a comemoração do Mardi Gras de 2014, que ocorre em 4 de março. Ele falou que planeja pintar pelo menos 300 cocos antes do grande dia.

Carlyn Worthy, do Bureau de Convenções e Visitantes de Nova Orleans, disse que o Endymion, um dos super *krewes* — "super" denotando um grande número de integrantes —, exibiu no ano passado o maior carro alegórico do mundo. O carro alegórico tinha capacidade para 230 componentes, custou US$ 1,2 milhão e contou com a presença da cantora pop Kelly Clarkson. Para aqueles que conseguem desfilar em carros alegóricos tão criativos, trata-se de um privilégio conquistado a duras penas que jamais esquecerão.

Para os espectadores do desfile, as distribuições de brindes são a parte mais emocionante. Wright afirmou que, quando ele dá um coco pintado ao espectador, gosta de observar como a pessoa reage, olhando-o como se ele fosse uma peça rara.

"Eles olham para o trabalho artístico, para o quanto de trabalho foi necessário", acrescentou. "Essa é minha parte favorita." ▧

LIGANDO OS PONTOS: NOVA ORLEANS

Página anterior: Componentes do carnaval jogam adornos dos carros alegóricos durante o desfile de Mardi Gras em Nova Orleans

©URBANLIGHT/SHUTTERSTOCK.COM

Mistura mascarada

©NEW ORLEANS MASKS

Quando o Mardi Gras começou, as máscaras eram um "nivelador", afirmou Ann Guccione, responsável por uma loja de máscaras em Nova Orleans. O carnaval era um dia em que as classes sociais se misturavam, e as máscaras permitiam que todos confraternizassem com pessoas de classes sociais mais altas ou mais baixas do que aquela a qual pertenciam, sem medo de julgamento.

Embora esse tipo de restrição social não exista mais, as máscaras permanecem bastante importantes para os trajes usados pelos foliões. Ann se lembra de um homem que comprou em sua loja uma máscara feita em couro, com chifres de touro verdadeiros e olhos empalhados para o Mardi Gras. No dia seguinte, o homem ligou para Ann para falar do sucesso que havia sido a máscara. "Ele foi convidado para todas as festas VIP", disse Ann. "O mistério por trás da máscara muda tudo."

Música para os ouvidos

©LEON RITTER/SHUTTERSTOCK.COM

Somente os melhores músicos são capazes de tocar bem o jazz, segundo Jason Patterson, diretor musical do clube de jazz Snug Harbor, em Nova Orleans. O jazz é uma forma única de música popular caracterizada por alto nível de improvisação. De acordo com Patterson, a partitura fornece apenas a estrutura básica, como "os ossos do corpo. Os artistas de jazz lhe dão a carne e o sangue necessários". Patterson estimula os entusiastas de jazz a visitar a Frenchmen Street, a rua onde o jazz nasceu e onde ainda hoje se encontram muitos locais que apresentam jazz tradicional. Nos salões de baile ao longo da rua, as pessoas podem dançar ao som da música como era comum nos anos 1930.

Receita tradicional

©MONKEY BUSINESS IMAGES/SHUTTERSTOCK.COM

Wendy Chatelain, natural de Nova Orleans e diretora de marketing do restaurante familiar mais antigo dos EUA, o Antoine's Restaurant, conhece bem as tradições culinárias da cidade.

Para ela, os pratos mais representativos de Nova Orleans são o *gumbo* crioulo, um tipo de ensopado à base de quiabo, feijão vermelho e arroz. Uma versão popular do *gumbo* é feita com ostras, camarão e caranguejo, todos encontrados em abundância na cidade portuária. Enquanto restaurantes como o Antoine's têm a sua versão consagrada do prato, os cozinheiros que preparam o *gumbo* em casa costumam criar sua própria versão.

Com menos oportunidade para variações, o preparo do feijão vermelho e do arroz tradicionalmente deverá começar na segunda-feira, "o dia de lavar roupa, então podemos sair e deixar o feijão cozinhando", afirmou Wendy. Na terça-feira, o arroz será servido com o feijão longamente cozido em fogo brando, dando vida a um dos pratos favoritos da culinária local.

Salvando os tesouros do mundo

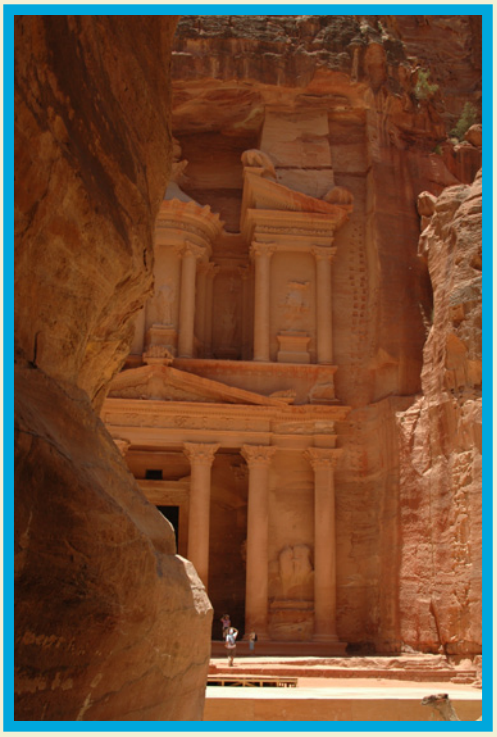
LAUREN MONSEN

Desde a sua criação há 13 anos, o Fundo de Embaixadores dos EUA para a Preservação Cultural contribuiu com milhões de dólares para preservar sítios e objetos culturais e formas tradicionais de expressão em todo o mundo.

Nosso novo livro *Priceless* descreve muitos desses esforços de preservação. Entre eles, a restauração de edificações, a conservação de manuscritos, a proteção de sítios arqueológicos e a documentação de artes que estão desaparecendo.

A cada mês, a *EJ|USA* apresentará um desses tesouros. Confira no próximo mês o Tesouro de Petra, na Jordânia.

O Tesouro de Petra, na Jordânia, será apresentado na edição do próximo mês da *EJ|USA*.



AMERUNE

QUÊNIA, NIGÉRIA, TANZÂNIA
CHINA, LAOS, MONGÓLIA
MACEDÔNIA, TURQUIA, UCRÂNIA
IRAQUE, JORDÂNIA, LÍBANO
AFEGANISTÃO, NEPAL, TURCOMENISTÃO
BOLÍVIA, MÉXICO, PERU

Explore!

Saiba mais sobre preservação no livro ***Priceless.***

Os ventos dos anos 1960

LONNIE G. BUNCH III

O movimento pelos direitos civis deu a esta nação alguns de seus momentos mais memoráveis, sendo o mais importante deles a Marcha para Washington, em 1963.

O que aconteceu naquele dia, na capital do país, teve um impacto significativo nos 50 anos seguintes. Anos depois, mulheres marchariam por direitos iguais, bem como gays, ambientalistas e grupos de apoio à igualdade de direitos para índios, idosos e pessoas com deficiência.

Considerado como um todo, o que o movimento pelos direitos civis deu às pessoas – a todas elas – foi o sentimento de que uma mudança profunda é possível (veja "Inspirados a agir") (veja páginas 10 a 17).

Praticamente todos os movimentos que se seguiram incorporaram algum elemento do movimento pelos direitos civis às suas causas.

Esse movimento revelou que a massa que ocupava as ruas buscava não apenas atrair a atenção da mídia, conquistar uma base moral e adquirir capacidade de liderança, como também inspirar as pessoas a acreditar que estavam participando de algo pessoalmente importante. As marchas pela Emenda sobre Igualdade de Direitos mostraram que paixão e teatralidade formavam uma boa combinação.

Também foi essencial ter um líder carismático. Cesar Chavez foi o porta-voz dos trabalhadores rurais insatisfeitos no final do século 20. Quando foi necessário um líder para o incipiente movimento pelos direitos dos homossexuais, Harvey Milk liderou multidões em São Francisco na década de 1970.

Ficou clara aos movimentos pelos direitos civis que surgiram em todo o mundo a necessidade de coalizões para exigir uma legislação. A Organização Nacional da Mulher foi fundada dessa forma.

Faz parte da história americana que legislação e decisões judiciais sejam necessárias para solidificar o trabalho feito em campo. Para os ativistas dos anos 1960, as conquistas vieram com a aprovação de diversas leis, a começar pela Lei de Direitos Civis de 1964.

O rompimento com os modelos antigos abriu caminho a cargos políticos. Então, as causas das ruas tornaram-se peças centrais de plataformas políticas e agendas legislativas. Os princípios demonstrados pela legislação sobre os direitos civis estão incorporados na exitosa legislação do Título IX (que exige para as mulheres as mesmas oportunidades oferecidas aos homens em programas educacionais com subsídios federais) e nas atuais leis e perspectivas em rápida mudança sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

E as leis levaram a um novo ativismo. Atualmente, o movimento das mulheres alçou 98 delas ao Congresso dos EUA e fez 20 delas líderes mundiais. Era com esses resultados que todos sonhavam 50 anos atrás. ▧

LIGANDO OS PONTOS:
WASHINGTON ●; SÃO FRANCISCO ●

Como diretor do Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana do Instituto Smithsoniano, com inauguração prevista para o próximo ano, Lonnie Bunch tem uma visão de longo prazo

©AP IMAGES

tudo sobre inglês

©ISTOCKPHOTO/THINKSTOCK

AGGREGATION (COLEÇÃO) | conjunto ou reunião de objetos em um único grupo..., p. 5

ATROCITIES (ATROCIDADES) | ato ou ação muito cruel ou terrível, p. 15

BRAINCHILD | criação, plano ou ideia original de uma pessoa, p. 6

DEXTERITY (DESTREZA) | ...aptidão de inteligência: capacidade de pensar e agir de maneira rápida e inteligente, p. 16

ERRATIC (ERRÁTICO) | que age, movimenta-se ou muda de maneira não esperada ou usual: não uniforme ou regular, p. 2

GESTICULATION (GESTOS, GESTICULAÇÃO) | movimento de braços e mãos em especial quando se fala com irritação ou emoção, p. 2

IMMERSION (IMERSÃO) | ... total envolvimento em alguma atividade ou interesse, p. 18–19

IMPROVISED (IMPROVISADO) | falado ou apresentado sem preparação, de improviso..., p. 17, 26

INCEPTION (CRIAÇÃO) | o momento em que algo tem início, p. 27

INGENUITY (ENGENHOSIDADE) | habilidade ou inteligência que permite a alguém solucionar problemas, inventar coisas, etc. ..., p. 22

INTROSPECTIVE (INTROSPECTIVO) | em que se examina os próprios pensamentos ou sentimentos, p. 16

MARGINALIZED (MARGINALIZADO) | posto ou mantido em posição de impotência ou irrelevância em uma sociedade ou grupo, p. 15

MEDIA (MÍDIA) | as emissoras de rádio, as emissoras de televisão e os jornais pelos quais as informações são comunicadas ao público..., p. 9, 19, 28

MINSTREL (MENESTREL) | membro de um grupo de artistas que apresentavam músicas e piadas dos negros americanos geralmente com o rosto pintado de preto, p. 12

PROFOUND (PROFUNDO) | ...muito grande..., p. 28

PROTAGONIST (PROTAGONISTA) | personagem principal de um romance, peça de teatro, filme, etc., p. 4

SECTOR (SETOR) | área da economia: parte da economia que inclui determinados tipos de emprego..., p. 3, 6, 18

SYNTHETIC (SINTÉTICO) | produzido pela combinação de diferentes substâncias; não natural, p. 6

TRINKET (ADORNO) | peça de bijuteria ou ornamento de pouco valor, p. 26

VIP | pessoa muito importante ou famosa, p. 26

ZONING (ZONEAMENTO) | sistema de regras usado para controlar onde empresas e residências são construídas em uma cidade, p. 9

USADO COM AUTORIZAÇÃO DE MERRIAM-WEBSTER'S LEARNER'S DICTIONARY ©2013 MERRIAM-WEBSTER INC. (WWW.LEARNERSDICTIONARY.COM).

LIGANDO OS PONTOS

MAPA ADAPTADO DE EVE STECCATI

surf US

ejUSA.state.gov

sobre os EUA | on-line | o tempo todo

Embaixada dos Estados Unidos da América

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS
BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS